

# O biopoder como uma relação histórica entre a vida e a política<sup>1</sup>

Ursino Neto

“O velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* à morte. (...) Abre-se, assim, a era de um “bio-poder”” (Michel Foucault, *História da sexualidade I: A vontade de saber*).

## SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 Breve reflexão sobre o conceito de vida
- 3 O biopoder como uma relação histórica entre a vida e a política
  - 3.1 O *poder soberano*
  - 3.2 O *biopoder*
    - 3.2.1 O poder da *disciplina*
    - 3.2.2 O poder da *biopolítica*
- 4 Considerações finais

## 1 Considerações preliminares

*Bioética* é um saber contemporâneo concernente à relação entre *vida* e *ética*. Ela adquiriu um caráter polissêmico na cultura ocidental porque é compreendida a partir de diferentes conotações.

Para as correntes de pensamento tradicional da bioética, o referente *bio* é proveniente do campo da biologia e diz respeito à concepção de vida humana. Embora para Van Potter, o inventor da palavra, ou seja, do neologismo (bioética) no início dos anos de 1970 nos EUA, o conceito de vida deveria ser extensivo e aplicado para o conjunto dos seres vivos do planeta Terra.

O outro signo componente do étimo nas definições tradicionais se refere ao campo da *moral* e não da *ética*; sendo assim, o termo adequado seria *biomoral*<sup>2</sup>.

Entretanto, já se tornou senso comum a utilização do termo bioética referindo-se a um saber que estabelece princípios para balizar as intervenções sobre a vida humana, por exemplo, a tecnologia de pesquisa em biomedicina.

Como estudado previamente<sup>3</sup>, uma das interpretações da bioética a situa como uma “resistência ao biopoder”, colocando-a como um desafio contemporâneo.

O objetivo do texto didático é investigar o tema do *biopoder* para compreender o conceito de *ética-da-vida* ou *aionética* como uma *bioética de resistência* a ele.

Antes, se fará uma breve reflexão sobre o conceito de vida.

---

<sup>1</sup> Texto didático para a Equipe V (graduação 2020.2), uma referência para produzir um *exercício de experiência ética*.

<sup>2</sup> Cf. O texto didático: *Ética é diferente de Moral*.

<sup>3</sup> Cf. O texto didático: *As fontes originárias da Bioética e o desafio contemporâneo*.

## 2 Breve reflexão sobre o conceito de vida

Na cultura ocidental, o conceito de vida é oriundo da filosofia e só irá estabelecer-se como referência científica a partir do século XVIII.

De acordo com Vera Portocarrero<sup>4</sup>, naquela época, a ciência vigente operava pelo prisma do *mecanicismo*, ou seja, a natureza era interpretada como uma máquina gerando uma conseqüente “naturalização do processo de conhecimento”.

Tal modelo é oriundo de René Descartes (1596-1650). O filósofo francês explicava e justificava os corpos vivos apenas pela extensão e pelo próprio movimento, negando a necessidade de qualquer razão externa ou oculta (inclusive Deus) como princípio de movimento para o vivente.

A partir do pensamento cartesiano, as “leis da física e da mecânica” se tornaram fundamento tanto da descrição do elemento inanimado da natureza como também referência de explicação para os seres vivos.

Os saberes científicos eram analíticos e comparativos entre si, principalmente, por intermédio do elemento visível formando um quadro de representação em que se expressava uma linguagem própria.

No caso dos seres vivos, o saber se chamava *História Natural* que estruturava e organizava o conhecimento em sítios de classificações distinguindo em tipo, espécie e gênero.

No início do século XIX, eclodiu o fenômeno denominado de *vitalismo*. Tratava-se de um acontecimento conjugando um instrumento de maior potência de observação e acurácia (microscópio) com novos procedimentos de experiência laboratorial.

No vitalismo, afirmou-se uma interpretação não mecanicista da vida, pois ao negar a geração espontânea, isto é, a antiga concepção de que a vida poderia advir do inanimado ou “não vivo”, se fez a defesa da existência de uma “força vital” inerente à vida.

O vitalismo foi um dos vetores responsáveis pela afirmação da biologia como ciência.

Até a primeira quadra do século XIX, o mecanismo da representação ainda constituía a base para estudar, observar e caracterizar os viventes, mas a partir da segunda metade daquele século, o quadro organizativo e classificatório da *História Natural* perdeu relevância em decorrência de um novo formato de conhecimento da vida e dos seres vivos.

A vida passou a ser investigada em todos os níveis, desde o fundamento da sua organização, perpassando tanto o modelo da sua estrutura como as leis inerentes à sua formação e ao seu funcionamento.

---

<sup>4</sup> Cf. PORTOCARRERO, V. *As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, p. 111.

Houve uma mudança no paradigma investigativo, tratava-se de problematizar e explorar a vida desde a sua causalidade ou o seu acaso até a decomposição, abrangendo todo o percurso: da origem à evolução.

Assim eclodiu a ciência denominada *biologia*.

Para a atual ciência da astrofísica, o *big bang*, a grande explosão, originou há 14 bilhões de anos um acontecimento “ilimitado”, “multiforme”: o cosmos ou o universo.

Entretanto, de acordo com Rovelli<sup>5</sup>, o estudo recente da gravidade quântica já vislumbra alguma coisa para além dele.

Para o campo da biologia, a eclosão do “fenômeno vida” é muito mais recente, pois os dados indicativos estimam o seu início por volta de 3,8 bilhões de anos atrás.

Os constituintes originários da vida foram inerentes às condições cosmológicas específicas de uma estrela (o Sol) e seu planeta (a Terra) onde determinados elementos essenciais como carbono, hidrogênio, nitrogênio, oxigênio e outros estavam presentes.

Uma estrutura de base química, protegida por uma membrana envoltória, se formou e compôs uma região de “dessemelhança apartada”, atualmente denominada de “célula”<sup>6</sup>.

A vida teve origem dentro desta primeira célula como um conjunto de moléculas com afinidades específicas e com reações químicas autoperpetuadoras, repetindo os seus próprios ciclos.

Em resumo, o desenvolvimento do processo vital se efetivou em três etapas primordiais: metabolismo, homeostase e seleção natural.

Neste tópico, ficaremos por aqui. Adiante, em outro texto didático<sup>7</sup>, analisaremos algumas contribuições empenhadas em interpretar o conceito de vida introduzindo nele o princípio intrínseco do valor implicando resiliência e resistência.

### **3 O biopoder como uma relação histórica entre a vida e a política**

De partida, um questionamento que perpassa a cultura ocidental desde a Grécia clássica: o que é o poder?

Embora o filósofo contemporâneo Byung-Chul Han tenha escrito recentemente que “em relação ao conceito de poder ainda existe um caos teórico”<sup>8</sup>, é possível elaborar uma resposta coerente a partir da transversalidade de saberes compreendendo história, filosofia, política, sociologia, direito etc. como produziu Michel Foucault (1926-1984) em seu trabalho de pesquisador e docente no *Collège de France*<sup>9</sup> por aproximadamente uma década e meia.

---

<sup>5</sup> Cf. ROVELLI, C. *A realidade não é o que parece: a estrutura elementar das coisas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017, p. 10.

<sup>6</sup> Cf. DAMÁSIO, AR. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 45.

<sup>7</sup> Cf. O texto didático: *A resistência ao biopoder*.

<sup>8</sup> Cf. HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 7.

<sup>9</sup> O *Collège de France* é um “Instituto Público de Ensino Superior” fundado pelo rei Francisco I em Paris em 1530. Michel Foucault lecionou *História dos sistemas de pensamento* (1970 – 1984).

O filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), na obra-prima *Leviatã*, circunscrevendo o advento do período histórico da Modernidade, destacou como principal fonte da constituição do poder a eclosão da figura do Estado.

Seguindo-o, a tradição filosófica consolidou o pensamento que associa o conceito de poder à autoridade, à imposição, ao arbítrio do Estado, considerando o papel deste último como essencialmente repressor.

Foucault estabeleceu outro percurso interpretativo. Para ele, a expressão “o poder” é de caráter universal, uma abstração teórica e genérica que não atua na singularidade dos homens.

Sendo assim, é necessário interpretar o poder por outro prisma buscando compreender como ele se torna efetivo, como é aplicado para fazer funcionar uma prática, pois o que opera e age na vida humana concreta são as “relações de poder”.

Para o filósofo francês, o poder não é um “objeto natural”, algo que se detém como uma coisa ou mesmo um pertence, mas aquilo que “se exerce, só existe em ação, (...) é (...) acima de tudo uma relação de força”<sup>10</sup>.

A investigação foucaultiana abriu uma nova perspectiva para se compreender a definição e o significado de poder porque o associou intrinsecamente a outro conceito - o *saber*.

Para Foucault, saber é poder e vice-versa. Eles são lados distintos de uma relação de equivalência. Ambos se implicam mutuamente, se pertencem: são entrelaçados, são congeminados, são cooriginários.

“Onde há poder, há também saber”.

Não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder.

O saber possibilita ao poder a condição de se reproduzir e de se conservar; por outro lado, o poder permite ao saber se atualizar, se efetivar, materializar-se.

Portanto, a aplicação deles se faz em um uso conjugado: *saber-poder* ou *poder-saber*.

Eles são um dispositivo estratégico cerne do poder constituinte do amplo contexto da política.

O filósofo francês detectou a mudança ou a reviravolta ocorrida no período histórico da Modernidade envolvendo as relações entre a política e a vida humana.

Dele é uma frase, já clássica, frequentemente reproduzida por seus intérpretes:

“O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão”.<sup>11</sup>

Enquanto na Antiguidade, o homem era definido pela racionalidade que o conduzia a buscar na vida política a sua essência; com o advento do Estado, o cerne da política passa a constituir-se em um tipo de racionalidade exterior à formação do homem e, sobretudo, com outra finalidade.

Sintetizando, a política passou a ser uma estratégia de poder que visará à regulação e ao controle da vida humana.

Eis a trilha que o texto didático seguirá para problematizar e compreender o significado das relações de poder constitutivas da política na sua relação com a vida.

### 3.1 O poder soberano

---

<sup>10</sup> Cf. FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 22° ed. São Paulo: Graal, 2006, p. 274.

<sup>11</sup> Cf. FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 21° reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011, p. 156.

Acompanhando a história cultural do Ocidente, Michel Foucault elaborou e desenvolveu o conceito de poder como expressão de duas figuras correlatas: a primeira denominada de *poder soberano* e a segunda de *biopoder*.

Em linhas gerais, o poder soberano funcionava como um modelo vertical em que o rei, o imperador ou o senhor feudal exerciam o poder como uma possessão, isto é, um “direito de posse” sobre a vida e a morte dos seus súditos. A principal característica deste tipo de poder era “fazer morrer”.

Um exemplo se encontra no filme *Gladiator*: a cena clássica do imperador romano indicando com o gesto do polegar para o gladiador vitorioso a ação de executar ou não o seu antagonista abatido na arena.

Tal regime de poder histórico pervagou desde a Antiguidade até a eclosão da figura do Estado na Modernidade.

Ao tipo de poder soberano ou de “poder de morte”, o filósofo francês justapôs outro tipo de regime originado da implantação do Estado Moderno em que a marca peculiar se tornou o poder de “fazer viver” ou o “poder de causar a vida ou devolver à morte”.

Para este regime, Foucault inventou o termo “bio-poder”.

### **3.2 O biopoder**

Assim como bioética, a palavra biopoder é um neologismo proveniente dos anos de 1970. Conceito criado por Michel Foucault, inicialmente, abordando uma especificidade: o controle da vida humana. Esta descoberta ocorreu por meio do estudo da história da sexualidade.

Neste ponto do texto didático, se coloca uma problematização de referência: Como o biopoder se originou? Quais forças o investem de poder e qual delas se tornou hegemônica? Qual tipo de saber foi constituído no pacto de exercício com o biopoder? E o questionamento essencial: como o biopoder atuou e ainda exerce o seu poder na sociedade controlando e moldando a vida humana?

O biopoder teve origem em uma estratégia política: a racionalidade administrativa com a intenção funcional de governar, gerir, comandar as instituições ou a “máquina” do Estado. A esta configuração, Foucault denominou de *governamentalidade*.

Historicamente, duas expressões de biopoder foram identificadas: o regime da “disciplina” e o regime da “biopolítica”.

#### **3.2.1 O poder da disciplina**

De início, o biopoder incidiu sobre os indivíduos a partir do final do século XVII inserido em um saber constituindo um dispositivo político cuja peculiaridade de atuação regulava detalhadamente as atividades do corpo.

Nesse contexto de sua implantação, o biopoder estabeleceu a “disciplina” como um “saber”, uma “técnica política” para monitorar o corpo e o tempo dos homens; com isso, transformou-os em força de trabalho, formatou-os como indivíduos produtivos com a finalidade de atender o interesse do liberalismo, ou seja, do incipiente sistema econômico que se fará hegemônico como capitalismo por intermédio do controle dos meios de produção e da mais-valia obtendo o lucro.

A relação de poder que se manifesta no plano da disciplina produz normas, na maioria das vezes, indutoras de imposições coercitivas que afetam o modo de vida

humana; logo, um *saber normativo* determinando o certo e o errado, o permitido e o proibido etc. como um regime da “verdade” impondo um molde moral.

A consequência disso se denomina *normalização* e está presente na escola, na fábrica, no hospital, na caserna, na prisão etc.

O biopoder como disciplina foi (e continua sendo) uma estratégia da economia-política visando à subordinação da força vital do homem para impor-lhe uma dupla condição instrumental: ser útil para a economia e ser subserviente na política.

### 3.2.2 O poder da *biopolítica*

Como se configurou a segunda representação do biopoder, ou seja, o regime da *biopolítica*?

A análise da conjuntura na qual ela surge, isto é, do nascimento do liberalismo é uma exigência além dos limites deste texto didático.

No entanto, registre-se que a principal tese da política liberal não parte da presença do Estado, mas da “condição de governo” para alcançar um modelo de atuação social que se pauta no domínio articulado de dois campos: o econômico e o legislativo.

Historicamente, o biopoder se desdobrou em poder disciplinar e poder biopolítico.

Didaticamente, enquanto o alvo da disciplina era (e continua sendo) capturar o corpo individual, a finalidade da biopolítica passou a ser (e continua sendo) a população, pois agora o controle visa à subordinação de processos coletivos da vida social (o nascimento, a duração da vida, a mortalidade, a saúde pública etc.).

É preciso destacar que o biopoder atua nos dois planos coetaneamente: tanto em nível do corpo do indivíduo como em nível da população, abrangendo a totalidade da vida humana.

A disciplina e a biopolítica são dois tipos de intervenção, de impostura, de controle, formando um sistema de rede integrado.

Resumindo o estudo, o biopoder serviu para assegurar a inserção controlada dos corpos no aparelho produtivo e para ajustar os fenômenos da população aos processos econômicos, sendo assim um elemento indispensável para assegurar o desenvolvimento do capitalismo, a própria força hegemônica que o investe de poder.

As funções características do biopoder relativas à vida humana foram e ainda são: o controle do tempo, a organização do espaço, a vigilância e o registro de informações.

## 4 Considerações finais

O biopoder é definido como um dispositivo da “governamentalidade” moderna atendendo aos interesses do sistema econômico-político, agindo, sobretudo, por meio do saber da medicina<sup>12</sup> sobre o corpo e a população.

Entretanto, é preciso sublinhar na análise foucaultiana o sentido positivo detectado no processo de ação do biopoder sobre o indivíduo e a sociedade; pois, ao mesmo tempo, quando se impõe uma norma instalando um constrangimento e um limite, também se oportuniza uma emulação, por intermédio do saber intrínseco que gera mobilização, contraponto, resistência e promove a liberdade.

---

<sup>12</sup> Cf. O texto didático: *A relação entre o biopoder e a medicina: impactos sobre o indivíduo e a sociedade*.

A análise efetivada por Michel Foucault sobre o biopoder é a referência da possibilidade que permite afirmar o saber da *Ética-da-vida* ou *Aionética* como uma *Bioética de resistência*.

A partir da crítica à configuração aviltante da subjetividade humana determinada pelo *assujettissement*<sup>13</sup> e o seu contraponto investido na atitude de resistência do indivíduo no seu processo de “subjetivação”, o saber da *Aionética* projetou o seu *exercício ético* (relativo ao *Ethos*) como uma *experiência de cuidado de si*, uma *invenção-de-si*.

Ao poder sobre a vida do biopoder, se responde com o *poder-da-vida*: a *biopotência*<sup>14</sup>.

A *Ética-da-vida* ou *Aionética* resiste por intermédio da experiência da arte (PensArteCorpo) provocando a ruptura do “eu-mesmo” da psicologia tradicional e possibilitando a eclosão de um novo “eu” denominado de “si-mesmo” expressando o valor da unidade *corpo-energia-mente*.

Eis o nosso desafio: ser biopotência e valorizar-se como resistência ao biopoder.

---

<sup>13</sup> A tradução do francês deste termo é múltipla: “assujeitamento”, “subjugação”, “sujeição”.

<sup>14</sup> Cf. O texto didático: *A resistência ao biopoder*.